

SAMORA MACHEL

O APARTHEID
É O NAZISMO
DA
NOSSA ÉPOCA

24

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

NH 36/83

10-

SAMORA MACHEL

O APARTHEID
É O NAZISMO
DA
NOSSA ÉPOCA

Colin Danks
14/4/83
x

24

coleção

"PALAVRAS de ORDEM"

EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

**Sua Excelência, Indira Gandhi
Primeiro-Ministro da República da Índia,**

Suas Majestades,

**Suas Excelências Chefes de Estado e de Governo
dos Países Não-Alinhados,**

Senhoras e Senhores,

É com grande emoção e alegria que tomamos a palavra nesta magna Assembleia, que reúne povos e países de todos os continentes, unidos pelos nobres ideais do Não-Alinhamento.

Ao celebrar a VII Cimeira na Pátria do Grande Mahatma Gandhi, arquitecto e lutador pela independência da Índia, e de Jawaharlal Nehru, um dos eminentes fundadores do Movimento dos Não-Alinhados, honramos o passado e a tradição de luta anti-imperialista do país que hoje nos acolhe.

Na pessoa do Primeiro-Ministro da Índia, Senhora Indira Gandhi, vemos a garantia da continuidade dessas tradições. Saudamos vivamente a sua eleição unânime para a Presidência do Movimento dos Países Não-Alinhados, certos de que, no período

que se segue, a Índia continuará a dar uma grande contribuição para a constante revitalização do nosso Movimento.

A Índia, berço de uma civilização milenar, país de ricas tradições culturais e científicas, deu ao longo da sua existência, importante contribuição para o desenvolvimento da Humanidade e para o relacionamento entre os povos.

Nós, africanos da costa oriental e austral, conhecemos bem a dimensão e a riqueza desse relacionamento. Os inesquecíveis momentos que vivemos durante a visita efectuada a este país em 1982 e a grande alegria e honra que sentimos ao receber no nosso País a Senhora Indira Gandhi, são a continuação natural do secular relacionamento entre os nossos povos, projectado agora no contexto da cooperação entre países em desenvolvimento.

Esta vocação da Índia de se relacionar com todos os Povos do Mundo, inspira-nos a certeza e a confiança de que, sob a sua presidência, a unidade e a cooperação em todos os domínios reforçar-se-ão no seio do Movimento, para benefício dos nossos povos.

Senhora Presidente,

É com alegria que temos vindo a constatar o progressivo crescimento e fortalecimento do nosso Movimento. Este crescimento testemunha a correção dos nossos princípios, a importância e vigor do nosso Movimento, ao qual nos orgulhamos de pertencer.

Hoje, associamo-nos a todos os Chefes de Estado e Governo, dando as calorosas boas-vindas às nossas fileiras das Bahamas, Barbados, Colômbia e Vanuatu.

É motivo de grande júbilo para nós a presença

nesta Cimeira do nosso camarada e companheiro de armas, o Primeiro-Ministro da República do Zimbabwe, Robert Mugabe, agora como representante do Zimbabwe livre e independente.

Em Havana, Robert Mugabe era o chefe guerrilheiro que representava os combatentes que na floresta lutavam pela independência do seu país e que o nosso Movimento soube justamente apoiar.

Hoje representa a vitória do Povo do Zimbabwe, vitória também do nosso Movimento, vitória dos povos amantes da paz e da liberdade. (Aplausos).

De Havana a Nova Deli, o nosso Movimento tomou importantes iniciativas com vista à solução de problemas que preocupam os Países Não-Alinhados e toda a Humanidade.

A participação de todos nós foi decisiva para o sucesso dessas iniciativas. Devemos porém reconhecer que a contribuição de Cuba como Presidente do Movimento durante esse período foi proeminente. É justo sublinhá-lo neste momento.

Saudamos, em particular, o Presidente Fidel Castro Ruz pela forma lúcida e serena como soube conduzir o Movimento durante o seu mandato, num período particularmente complexo da situação internacional.

Fidel Castro Ruz, ilustre filho do Povo cubano, foi, na direcção do nosso Movimento, o grande lutador da causa dos povos, o consequente dirigente anti-imperialista. Sob a sua direcção, o Movimento resistiu ao assalto do imperialismo, preservou a sua unidade, consolidou a sua força, o Movimento cresceu. A história registará este período como um dos mais fecundos na existência do Movimento dos Países Não-Alinhados.

O brilhante relatório apresentado ontem pelo Presidente Fidel Castro analisa, de forma profunda, científica e clara os principais problemas que a Humanidade enfrenta na década de 80. Ao terminar o seu mandato, Cuba legou ao nosso Movimento um

documento de trabalho que constitui uma contribuição de alto valor para o Movimento dos Países Não-Alinhados.

Por isso dizemos: missão bem cumprida Camarada Fidel Castro! Obrigado Cuba, Obrigado Presidente Fidel Castro! (Aplausos prolongados).

Saudamos o Iraque e o seu Presidente Saddam Hussein pela sua decisiva contribuição para a realização desta VII Cimeira, ao renunciar voluntariamente que a Cimeira tivesse lugar em Bagdad. Esta sua atitude, tão corajosa como construtiva, permitiu-nos ultrapassar as dificuldades que ameaçavam a paralisação do nosso Movimento.

Depositamos a nossa esperança de que as condições para que a VIII Cimeira tenha lugar em Bagdad serão criadas sem demora. Estamos prontos para dar a nossa máxima cooperação para que esta nossa esperança seja uma realidade. A VIII Cimeira deve ser realizada em Bagdad.

Suas Majestades,
Excelências,

Entrámos na terceira década da existência do nosso Movimento.

Sentimos por isso uma particular responsabilidade ao participar nesta Cimeira. O nosso Movimento é já uma realidade adulta e com um alto sentido de responsabilidade. Os povos de todo o mundo depositam nele grandes esperanças.

Vamos analisar a situação internacional e traçar as grandes linhas de acção para o período que se segue. É, portanto, oportuno reiterar aqueles objectivos e princípios sem os quais o Não-Alinhamento perde o seu conteúdo e razão de ser.

Não se trata de definir novos princípios ou novos objectivos.

Trata-se, sim, de permanecermos fiéis àquilo que animou e orientou sempre os fundadores do nosso Movimento, os grandes líderes cujos nomes a história registou e permanecem indelévels na memória dos povos.

O que nos identifica são os ideais de liberdade, independência, paz e progresso.

O Não-Alinhamento é, por definição, anticolonialista, anti-«apartheid», anti-sionista, anti-fascista, anti-imperialista. O Não-Alinhamento é contra todas as formas de dominação, de opressão e de exploração dos povos.

O imperialismo pretende sistematicamente esvaziar o conteúdo político do nosso Movimento. Tenta reduzir o Não-Alinhamento à simples não pertença a blocos militares. Promove o conceito do chamado «Não-Alinhamento genuíno». Através dele pretende transformar o Não-Alinhamento numa equidistância e neutralidade. É pertinente interrogarmo-nos uma vez mais: equidistância entre quem e quem? Neutralidade entre quem e quem?

O Não-Alinhamento nunca foi e nem é apenas uma mera definição negativa de não pertença a um bloco militar. O Não-Alinhamento sempre foi e é uma maneira activa, militante, e engajada de lutar pelo triunfo da liberdade, independência, paz e progresso da Humanidade.

A nossa força reside na nossa unidade apesar da diversidade ideológica, política e sócio-económica que somos. A unidade define-se na base dos princípios que enunciámos. A diversidade significa o respeito pela soberania e pela opção de cada um.

O imperialismo promove acções para sabotar esta nossa unidade. Com total desrespeito pela soberania e dignidade dos povos, arroga-se o direito de emitir instruções de como devemos agir, acompanhadas de ameaças.

É esta a ética do imperialismo.

Não podemos permitir que tais manobras

tenham lugar no nosso seio, não podemos permitir que elas tenham expressão e se consolidem no nosso Movimento.

O respeito pela dignidade dos povos que aqui representamos, o respeito pela soberania dos nossos Estados, o respeito por nós próprios, exige um combate permanente e conseqüente contra aqueles que, pela sua acção, desvirtuam a essência do Não-Alinhamento.

Senhora Presidente,

A situação na África Austral ameaça a paz e a segurança internacional.

O regime minoritário e racista sul-africano é a causa directa desta situação. Este regime é, por natureza, colonialista, explorador, opressor, racista, genocida.

QUEM É CIDADÃO SUL-AFRICANO?

Na África do Sul, uma pequena minoria de quatro milhões de brancos domina, oprime, explora e discrimina 23 milhões de negros, mestiços e indianos. As populações negras sul-africanas são expulsas das suas terras e colocadas pela força das armas nos bantustões, zonas estéreis onde as pessoas estão condenadas à morte pela fome.

É interessante a definição de quem é sul-africano para o regime de Pretória. Só é sul-africano aquele que é branco. Os negros são considerados bantus, divididos em etnias e línguas.

São chamados zulus, swazis, s'sotos, n'tswanas e não sul-africanos. É na base desta discriminação que o regime do «apartheid» forma os bantustões.

OS BANTUSTÕES:

- são reservas de mão-de-obra;
- são parques de caça à mão-de-obra barata;
- são casinos e prostíbulos dos brancos sul-africanos onde o racismo morre nos sábados e nos domingos e ressuscita nas segundas-feiras. São verdadeiros centros de imoralidade.

Nos bantustões a polícia e o exército são formados, treinados, equipados, dirigidos e encaçados pelo exército sul-africano. Os chefes dos exércitos nesses bantustões são nomeados pelo regime de Pretória. E os chefes dos exércitos desses bantustões são os mercenários que mais se distinguiram nas façanhas da guerra da Rodésia, hoje Zimbabwe, como os mais brutais, cruéis e sanguinários, como os mais genocidas.

São estes bantustões que o regime de Pretória exige que o Lesotho reconheça.

É interessante que esta divisão só incide sobre os negros, os indianos. As divisões linguísticas e étnicas só são para os negros.

Se as diferenças linguísticas e étnicas são critério de bantustanização, e por uma questão de coerência e de princípio, por que o regime de Pretória não cria bantustões para:

- os brancos de origem inglesa;
- os brancos de origem holandesa;
- os brancos de origem judaica;
- os brancos portugueses;
- os brancos italianos?

A REALIDADE DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A discriminação racial na África do Sul é motivo para a Humanidade inteira mover-lhe uma guerra sem tréguas. A discriminação racial na África do Sul constitui um flagelo para a Humanidade. Os negros, na estrada e na escola;

- no hospital e no jardim;
- no restaurante e no comboio;
- no serviço, nos machimbombos, e em toda a parte são discriminados.

Um negro ganha dez vezes menos que um branco, embora em tarefa igual. Um técnico negro é sempre classificado de aprendiz, quando o aprendiz branco é classificado de técnico, de especialista.

Os lares de famílias negras são transformados em prisões e os quartos em celas, por uma simples ordem de banimento emitada pelo regime racista.

Retira-se a cidadania aos negros, retira-se-lhes o direito de residência. Os negros são expulsos das cidades e as suas casas arrasadas a bulldozer.

As prisões sul-africanas são laboratórios de tortura, onde as pessoas são assassinadas pela polícia racista, passando-se-lhes a certidão de «óbito por suicídio».

Os negros da África do Sul vivem num estado de intranquilidade, insegurança, de pânico, vivem uma perseguição permanente de discriminação racial.

AS BASES DO ANC

As bases do ANC que o regime sul-africano diz estarem espalhadas nos países fronteiriços estão no

interior da própria África do Sul. Recordemos aqui o massacre do Soweto em 1976, onde 600 crianças foram assassinadas. Porque constituíam base do ANC, morreram 600 crianças em 60 minutos, o que significa 10 crianças por minuto. São constantes as invasões e rusgas ao Soweto à procura de bases do ANC. A polícia e exército sul-africano esmagam brutalmente crianças, porque sendo negras, constituem bases do ANC.

Cada gueto das cidades sul-africanas, é base do ANC. Cada família negra é considerada base do ANC. Cada homem, cada mulher, cada criança negra, é considerada base do ANC. Colectiva ou individualmente, cada negro constitui uma base do ANC.

As bases do ANC estão no Soweto, nas fábricas, nos serviços, na escola, nos guetos, nas prisões. Os negros encarcerados nas cadeias, porque são bases do ANC, são enforcados.

Por isso quando o regime de Pretória vai a Moçambique atacar refugiados sul-africanos, quando ataca Maseru no Lesotho, quando assalta escritórios em Londres, quando na Universidade em Maputo assassina uma mulher branca sul-africana, progressista e prestigiada intelectual e cientista, aí encontramos realmente a definição do que são bases militares do ANC para o regime de Pretória.

Quando a África do Sul vê, por todos os lados, bases do ANC e age assim, podemos compreender porquê: todos aqueles que se opõem ao «apartheid», brancos ou negros, mestiços ou indianos, são considerados bases do ANC, são bases sujeitas ao ataque do regime de Pretória.

O «apartheid» é o nazismo da nossa época.

Ontem, quando a besta nazi de Hitler rangia os dentes na Europa e ameaçava avassalar o mundo, a Humanidade inteira levantou-se e moveu-lhe guerra sem quartel até à sua total e completa destruição.

Hoje, quando a besta nazi-fascista levanta a

cabeça na África Austral, e ameaça os Estados africanos independentes, assistimos ao silêncio cúmplice de muitos países do Ocidente.

Porquê?

Senhora Presidente,

É esta a África do Sul, que se apresenta como defensora e bastião da civilização ocidental na região. É esta a África do Sul dos massacres de Sharperville, de Gugulethu, de Langa, de Soweto, onde centenas de sul-africanos são indiscriminadamente assassinados, pelo simples facto de se manifestarem contra a humilhação diária do «apartheid».

GUERRA NÃO DECLARADA DE PRETÓRIA: O BANDITISMO ARMADO

É esta a África do Sul que o imperialismo tem como seu aliado estratégico, como seu aliado natural.

É esta a África do Sul que move uma guerra não declarada contra a República Popular de Moçambique.

A África do Sul racista rekruta ladrões, marginais, drogados, assassinos, bandidos, criminosos, anti-sociais — toda a escória da sociedade. É esta escória que a África do Sul treina, arma, equipa, financia, dirige e infiltra na República Popular de Moçambique.

Estes elementos são treinados em bases militares sul-africanas como parte integrante do exército da África do Sul.

Como agem estes elementos?

- assaltam e queimam aldeias, saqueiam celeiros, roubam gado;
- queimam escolas, assassinam professores, raptam alunos;
- destroem hospitais, assassinam o pessoal médico;
- assaltam e queimam lojas;
- atacam comboios e machimbombos de passageiros, sabotam as linhas de caminhos de ferro e minam as estradas;
- destroem depósitos de combustível e sabotam cabos condutores de energia eléctrica;
- destroem tractores, camiões e outros meios de produção;
- atacam os projectos de desenvolvimento económico e raptam cooperantes vindos de vários países;
- raptam, violam e matam as mulheres e as filhas dos camponeses;
- raptam irmãs de caridade, raptam missionários;
- semeiam o terror no seio das populações, cortando orelhas, a língua, os braços, os seios.

São estes os bandidos armados que actuam em Moçambique e em outros países da região. É este prolongamento do exército sul-africano que é apresentado como oposição política ao regime revolucionário, ao regime popular e democrático de Moçambique.

Porque nos ataca a África do Sul racista?

A África do Sul ataca-nos em nome da civilização ocidental e em nome da luta, de defesa contra a penetração do comunismo na região.

Esta acção de desestabilização estende-se, de forma sistemática, a todos os Estados independentes da região.

Esta acção visa particularmente romper as vias de comunicação pela importância estratégica que têm para o desenvolvimento da região. Esta acção visa perturbar as actividades dos Estados membros da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) e frustrar o esforço para a criação de um sistema de cooperação económica regional que liberte os nossos países da dependência económica da África do Sul.

Desta situação o mundo conhece apenas aquilo que é veiculado pelas agências internacionais a partir da África do Sul. Mas o nosso Movimento deve conhecer a situação real prevalecente na zona.

A África do Sul destacou parte das suas Forças Armadas, a quem apelida de «Exército de Libertação do Lesotho», e que infiltra neste país para promover acções de terrorismo e sabotagem. As acções deste seu destacamento operacional são complementadas pela intervenção directa e aberta das forças regulares sul-africanas.

O recente massacre de refugiados em Maseru e a sabotagem dos tanques de combustível, são prova disso.

No Zimbabwe, através dos bandos armados, a África do Sul também promove a desestabilização, a sabotagem, o terror, e directamente utiliza a chantagem económica.

A Zâmbia, o Botswana, a Suazilândia, tão pouco escapam a esta acção da África do Sul.

As Seychelles, a mais de três mil milhas da

Africa do Sul, sofre repetidas investidas de mercenários enviados pelo regime do «apartheid».

QUEM AMEAÇA O «APARTHEID»?

A Africa do Sul justifica estas suas acções pretendendo que é ameaçada pelos Estados vizinhos.

Mas, o que ameaça na realidade a África do Sul? A independência dos Estados da região, a liberdade e dignidade dos povos, a alternativa de uma civilização anti-racial que se desenvolve na zona, a igualdade entre homens de todas as cores e raças, é na realidade a verdadeira ameaça ao «apartheid».

São as nossas escolas frequentadas gratuitamente por crianças de todas as raças e credos religiosos, são os hospitais onde pessoas de todas as cores recebem gratuitamente cuidados médicos, são os projectos de desenvolvimento que vão matar a fome e a nudez, a edificação de uma Nação em que o racismo, o tribalismo e todas as formas de discriminação não têm lugar. É este o exemplo que a África do Sul teme. (Aplausos).

Senhora Presidente,

Na Namíbia a ocupação colonial, o massacre e a exploração desenfreada do Povo namíbio continuam, apesar dos enormes e contínuos esforços da comunidade internacional, das Nações Unidas, da OUA e do nosso próprio Movimento.

A insistência de Pretória em prosseguir a sua política de dominação e exploração colonial, encontra cumplicidade e encorajamento no imperialismo, que insiste em condicionar a independência da

Namíbia à retirada das forças internacionalistas cubanas estacionadas na República Popular de Angola.

Esta insistência é uma flagrante violação da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Não tem qualquer fundamento jurídico, é crime retardar a independência e a liberdade de um povo sob falsos pretextos.

A amizade e a solidariedade entre Angola e Cuba data desde os tempos da luta armada de libertação nacional.

A presença das forças internacionalistas cubanas em Angola — é bom reiterá-lo aqui — resulta da solicitação do Governo angolano em 1975 no uso de uma prerrogativa soberana.

INVASÃO E OCUPAÇÃO DO EXÉRCITO SUL-AFRICANO EM ANGOLA

Esta solicitação deveu-se à invasão do exército regular sul-africano ainda antes da independência de Angola.

Esta invasão visava precisamente — recorde-mo-lo aqui — impedir a independência real de Angola, visava instalar em Luanda um regime fantoché e transformar o território angolano em mais um bantustão.

Derrotada esta primeira invasão, o regime de Pretória não abandonou os seus intentos. Servindo-se da Namíbia como base de agressão, voltou a desencadear uma invasão a Angola.

Desde Agosto de 1981, a África do Sul ocupa partes significativas do território de Angola.

Este facto constitui a mais grosseira violação da legalidade internacional.

É um grave precedente. A Comunidade Inter-

nacional e, em particular, o nosso Movimento não devem ficar indiferentes. Não podemos tolerar que um país seja invadido e ocupado e que a Comunidade Internacional seja impotente para obrigar o invasor e ocupante a retirar-se, restabelecendo a legalidade.

Em Angola quem invade e ocupa é o regime de Pretória. Em Angola quem massacra, quem semeia a dor, espalha o luto, é o regime de Pretória.

Quem destrói infra-estruturas económicas e sociais é o regime de Pretória. É o regime de Pretória quem destrói escolas e hospitais, pontes e fábricas.

Estamos perante um regime racista, colonialista, expansionista, belicista e terrorista. É desta realidade que o imperialismo tenta desviar a atenção da Comunidade Internacional, para a fixar na falsa questão da presença das forças internacionais cubanas.

O nosso Movimento não deve deixar passar esta manobra que visa destruir um dos seus membros. O nosso Movimento deve envidar todos os seus esforços, utilizando todos os meios para que se ponha termo imediato e incondicional à invasão e à ocupação do território da República Popular de Angola.

Senhora Presidente,

Tal como Israel no Médio Oriente, a África do Sul constitui a principal ameaça à paz na África Austral, é a causa do estado de guerra que vivemos.

Ambos os regimes assentam na discriminação, no racismo, no belicismo, no expansionismo. Trata-se de dois aliados que se apoiam e se inspiram mutuamente.

Há que impedir que a presente escalada de

guerra na África Austral a transforme num novo e mais perigoso Médio Oriente.

Em relação a um regime colonialista, belicista, expansionista e hegemónico, que o imperialismo define como seu aliado estratégico, que define como representante da civilização ocidental, os países da região têm apenas duas alternativas: independência ou morte!

Nós lutámos e consentimos os maiores sacrifícios, pelo direito de sermos livres, independentes e sobernos. Não conhecemos outro destino, senão a defesa intransigente desses direitos. O nosso povo ama a paz, ama a independência. Por isso dizemos: Venceremos!

O «apartheid» foi definido como um crime contra toda a Humanidade. É por isso que nesta luta contamos com o apoio de todos os povos do mundo.

Saudamos com calor o engajamento cada vez mais significativo da Comunidade Internacional ao participar activamente na luta contra o «apartheid».

Reconhecemos o apoio político, diplomático, material e moral que tem vindo a ser dado de forma crescente

- pelas Nações Unidas e, em particular, pelos países socialistas;

- pelos países nórdicos e pelo Movimento dos Países Não-Alinhados.

Saudamos, em particular, aqueles países não-alinhados, que embora pobres, não hesitam em compartilhar connosco o pouco que têm, contribuindo para a liquidação do «apartheid».

Esse apoio, na sua globalidade, não está ainda à altura de responder, plenamente, às necessidades

desta grande luta. Apelamos por isso, para o seu reforço e diversificação.

Como membros do Movimento dos Países Não-Alinhados, é importante exigir:

- a retirada imediata e incondicional das tropas sul-africanas do território da República Popular de Angola;
- a reafirmação do apoio internacional à SWAPO, único e legítimo representante do Povo namíbio, e acelerar o processo para a independência da Namíbia, no quadro das decisões das Nações Unidas;
- reiterar a máxima condenação do hidiondo sistema do «apartheid» e reafirmar o total apoio à luta do Povo da África do Sul, conduzida e dirigida pelo ANC, para a criação de um Estado anti-racista e democrático;
- condenar a política de agressão através do banditismo armado, e tomar medidas práticas para lhe pôr termo, reforçando a capacidade defensiva dos Estados da Linha da Frente.

Suas Majestades,
Excelências,

A África Austral não é o único foco de tensão que põe em perigo a paz no mundo.

No Médio Oriente, Israel continua a ocupação de territórios árabes e a estende à criação de colonatos em novos territórios que pretende anexar.

É negado ao Povo palestino o seu direito à autodeterminação e à formação do Estado independente da Palestina.

Com este objectivo, são utilizadas as formas mais brutais de genocídio, próprias do nazi-fascismo, como aconteceu em Sabra e Shatilla, no Líbano. A arrogância de Israel, a sua política belicista, expansionista serve directamente os interesses do imperialismo e, por isso, tem o seu beneplácito.

Quando Israel invade e ocupa, o imperialismo não intervém para obrigar Israel a retirar-se. Intervém para legitimar a ocupação, fazendo-se passar de mediador para estabelecer a paz entre o ocupante e a vítima.

Perante a indignação da opinião pública internacional, os próprios círculos do Governo sionista organizam um pretense inquérito que a mais não se destinava senão a auto-absolver o regime de Telavive. Não se condena o massacre nem o genocida.

Esta é a verdadeira natureza da acção do imperialismo no Médio Oriente.

Saudamos na OLP e na pessoa do nosso companheiro de armas Yasser Arafat, o heróico Povo palestino na sua justa luta pelo seu sagrado direito à liberdade, à independência. O seu exemplo de luta e resistência em Beirute galvanizou todos os povos amantes da paz e do progresso e permanecerá como fonte de inspiração para todos aqueles que lutam pela causa da liberdade. (Aplausos prolongados).

Na América Latina, a agressividade do imperialismo aumenta com o crescimento da luta dos povos pela liberdade, pela justiça social, paz e progresso.

A velha «doutrina Monroe», é hoje retomada, institucionalizada como direito, através da chamada «emenda Symms».

Eleva-se, deste modo, a um direito a prática universalmente condenada, a interferência nos assuntos internos de outros Estados.

Por isso já não surpreende que se enviem soldados, oficiais do exército, aviões e bombas de milhões de dólares para ajudar a Junta fascista de

El Salvador a sufocar a luta do povo pela liberdade e pela democracia.

Do mesmo modo não surpreende a utilização de todas as formas de desestabilização, incluindo o banditismo armado, na vã tentativa de estrangular a Nicarágua Sandinista.

Contra Cuba continua o bloqueio económico, continua a ocupação de Guantanamo e desenham-se formas cada vez mais sofisticadas de interferência naquele país.

Sobre Granada pesam ameaças de bloqueio económico e de invasão através de mercenários.

É assim que surge, no quadro desta complexa situação, o conflito das Malvinas, parte integrante do território da Argentina.

No Sahara continua a ocupação colonial, apesar de a República Árabe Saharaoui Democrática ser hoje membro de pleno direito da OUA. O seu povo não conhece a paz a que tem direito, ainda não pode dedicar as suas forças à reconstrução nacional e ao desenvolvimento.

Exigimos a retirada incondicional das tropas de ocupação do Reino de Marrocos do território da RASD.

Quando nos relembramos do nosso passado, da origem do nosso Movimento, vem-nos à memória o papel da Indonésia na sua luta pela independência. Ganhou respeito e admiração dos povos de todo o mundo e em particular dos povos ainda submetidos à dominação colonial.

A sua estatura ganhou dimensão internacional quando se tornou membro fundador do Movimento dos Países Não-Alinhados. Foi uma contribuição fundamental para a história do nosso Movimento, principalmente na definição dos princípios do Não-Alinhamento, nomeadamente a consagração do direito à autodeterminação e independência dos povos. Por esta razão, não podemos aceitar que a Indonésia renegue os princípios que ela própria

ajudou a conceber, e se tenha transformado numa potência colonial e anexionista.

Preocupa-nos a situação de Timor-Leste onde o Povo maubere se encontra sujeito a um organizado e sistemático genocídio levado a cabo pela potência ocupante e anexionista. O direito à autodeterminação e independência do Povo maubere continua a ser negado em flagrante violação dos princípios e resoluções das Nações Unidas e do nosso Movimento.

O exercício efectivo desses direitos passa necessariamente pela retirada das forças anexionistas da Indonésia e pelo cumprimento das decisões do nosso Movimento em Colombo e Havana.

Saudamos a FRETILIN, legítimo representante do Povo maubere, pelas vitórias que acaba de anunciar, o intensificar da sua luta para expulsar o ocupante estrangeiro.

Constatamos também com preocupação o desenvolvimento de manobras tendentes a adiar indefinidamente a reunificação da Pátria coreana. As propostas construtivas apresentadas pela República Popular Democrática da Coreia constituem uma base segura para se conseguir o processo da reunificação da Coreia dividida.

A reunificação da Coreia corresponde às aspirações mais profundas do seu povo e é parte integrante da luta do Movimento dos Países Não-Alinhados pela paz, pelo progresso e pela felicidade dos povos.

Senhora Presidente,

A situação internacional conhece particular agravamento pela corrida desenfreada aos armamentos, nomeadamente às armas nucleares.

Esta corrida armamentista, consequência directa da política belicista do imperialismo, constitui

um obstáculo ao desenvolvimento económico e social da Humanidade.

Nós, os países em vias de desenvolvimento, somos já hoje as primeiras vítimas desta corrida. A continuação desta corrida desenfreada só pode ter como perspectiva o holocausto da Humanidade.

Os princípios do não-alinhamento impõem que todos nós apoiemos e saudemos os passos que são dados para evitar a catástrofe nuclear, travar a escalada armamentista, diminuir as tensões, fazer do desanuviamento o aspecto principal das relações internacionais.

Pensamos que as recentes propostas apresentadas pelos países socialistas da Europa, constituem uma boa base para negociações sérias e construtivas para afastar o perigo de guerra que ameaça a Humanidade.

A transformação do Oceano Índico em zona de paz e desnuclearizada é uma das aspirações do nosso Movimento, aspiração reconhecida pela OUA e pelas Nações Unidas.

Contudo, as bases militares imperialistas continuam a existir no Oceano Índico, com particular relevo em Diego Garcia, parte integrante do território das Maurícias, constituindo uma permanente ameaça contra a soberania e integridade territorial dos países da região.

É dever do Movimento contribuir por todos os meios para que o Oceano Índico seja zona de paz, desmilitarizada e desnuclearizada. Esta acção apresenta uma importante contribuição aos esforços tendentes ao desarmamento geral e completo.

Particular responsabilidade cabe aos países ribeirinhos, bem como às ilhas, que devem desenvolver os maiores esforços para o desmantelamento das bases actualmente existentes e a não instalação de novas bases.

Pelas suas posições conjuntas ou individuais, esses países devem agir para libertar o Oceano, as

ilhas e as suas costas, da indesejável presença de bases militares imperialistas.

Por isso a República Popular de Moçambique apoia totalmente as propostas do Presidente da República Malgaxe, Didier Ratsiraka.

Devemos também garantir que a Conferência das Nações Unidas sobre o Oceano Indico, proposta pelo Movimento dos Países Não-Alinhados, tenha lugar em 1984. (Aplausos).

Suas Majestades,
Excelências,
Senhoras e Senhores,

A atenção e energia que devíamos concentrar exclusivamente na luta pela liberdade, pela independência, pela paz, pelo progresso, na luta contra todas as manobras e tentativas do imperialismo, essa atenção e energia, são parcialmente desviadas para se concentrarem em conflitos existentes no nosso seio.

Na medida em que desviam a nossa atenção do inimigo principal, estes conflitos servem, objectivamente, o nosso inimigo. É nossa obrigação encontrar, à luz dos princípios fundamentais do não-alinhamento, soluções correctas para os conflitos existentes no nosso seio.

O doloroso conflito que opõe o Iraque ao Irão já devorou vidas de iraquianos e iranianos em número que só as viúvas, os órfãos e as famílias, na sua dor e no seu luto, podem exprimir na sua verdadeira dimensão.

Este conflito já devorou biliões de dólares desviados do desenvolvimento económico e social. Este conflito já causou destruições e prejuízos incalculáveis de infra-estruturas económicas e sociais de ambos os países.

Todos nós sentimos com viva ansiedade a

necessidade de uma solução urgente para este conflito.

O Movimento dos Países Não-Alinhados, assim como cada país membro, deve prosseguir, com a necessária perseverança, os esforços e iniciativas já encetadas.

Relativamente à questão igualmente preocupante do Kampuchea, devemos lamentar aqui, uma vez mais, que o lugar que cabe a este país tenha que permanecer vazio.

Sempre foi nossa posição que esse lugar deve ser ocupado pelo Governo da República Popular do Kampuchea.

Esta posição é determinada por razões de ordem ética e de princípio. É o Governo de Phnom Penh aquele que pôs fim ao genocídio sistemático do Povo kampucheano. É este Governo legítimo do país que exerce o controlo eficaz do país. Mas há quem queira ver sentado nesse lugar precisamente os representantes daqueles que chacinavam o Povo de Kampuchea.

Confiamos em que a sabedoria e o bom senso acabarão por prevalecer e por fazer justiça.

Excelências,
Senhoras e Senhores,

Nesta nossa intervenção procurámos abordar algumas das preocupações mais candentes da actualidade, aquelas em torno das quais a nossa actividade se deve centrar.

São preocupações que decorrem da necessidade de levar o Movimento dos Não-Alinhados a alcançar os objectivos a que se propôs.

Na fase presente é de exigir de todos nós e de cada um de nós a fidelidade aos princípios do Não-Alinhamento. Não devemos permitir a diluição do conteúdo do nosso Movimento. Não devemos admi-

tir nas nossas fileiras como membros, aqueles que não assumem na prática esses princípios.

Devemos rejeitar como carga impura aqueles que se desviam ou violam flagrante e constantemente os nossos princípios. Só assim o Movimento dos Não-Alinhados continuará a ter razão de ser, só assim terá sentido continuarmos a militar nas suas fileiras.

Ao terminar a nossa intervenção, queremos saudar uma vez mais, o Povo e o Governo da Índia pela forma calorosa e fraternal como nos acolheram e pelos esforços para a excelente organização dos trabalhos desta VII Cimeira.

Na pessoa da Senhora Indira Gandhi, Primeiro-Ministro da Índia, nossa irmã e companheira na luta pelos ideais comuns aos nossos povos, dirigente comprovada e de alto prestígio internacional, reafirmamos uma vez mais a nossa plena confiança e estamos certos de que trabalhará sempre e arduamente para preservar a coesão, a pureza e a força do Movimento dos Países Não-Alinhados.

Estimada irmã Indira Gandhi,

Na prossecução dos nobres ideais do não-alinhamento, pode contar sempre com o apoio e activa participação do Povo e Governo da República Popular de Moçambique.

Sob a presidência da Índia, estamos certos que o Movimento dos Não-Alinhados manterá viva a chama da liberdade, da independência, da paz e do progresso dos povos.

Essa é a vontade, a esperança de todos os povos!

A Luta Continua!

Muito Obrigado!

(Aplausos Prolongados).

Tiragem: 15 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 470/INLD/83
Composto e Impresso na Tip. «Notícias» — Maputo
República Popular de Moçambique
Março de 1983



**DEFENDER A PÁTRIA
VENCER O SUBDESENVOLVIMENTO
CONSTRUIR O SOCIALISMO**